

EDITORIAL

A figura maravilhosa de Cleonice Berardinelli

Este número especial de Floema se quer como homenagem a esta professora nonagenária, cuja vida se confunde com a da Faculdade de Letras brasileira em geral e muito particularmente com os estudos camonianos aqui desenvolvidos no último meio século. O Dossiê Luís de Camões abre com uma entrevista, feita por renomados camonistas atuais, do Brasil e de Portugal, a esta figura, musa de Manuel Bandeira e Drummond. Ora com ‘coqueterie’ ora com o enfado de uma diva, responde sumária e extensamente a questões que focalizam as suas variadas faces de camonista. Acerca da antiga querela na seara camoniana brasileira, sobre o modo de se editar Camões, nos diz que o maior desafio foi justamente encontrar o critério para a organização da sua notável edição crítica dos 400 sonetos alguma vez atribuídos ao Poeta, mas também que ela não mudaria praticamente nada desse hercúleo trabalho editorial, de 1980, cuja atualidade, a meu ver, é mostrar como se manteve sob a marca Camões a poesia de toda uma época. Mais importante, a entrevistada aceitou o desafio proposto pela entrevista de que escrevesse um ensaio inaugurando os estudos chineses de Camões, aqui publicado como resposta à última questão de Helder Macedo.

Esta figura já lendária dos estudos camonianos – que declamava sonetos de Luís de Camões, na época das declamadoras mirins e ainda na Era do rádio, meio de comunicação onde durante muito tempo (de 1962 a 1982) se aprendeu Camões “na voz bonita e no comentário claro e sábio de Cleonice Berardinelli” - é aqui homenageada por meio de uma série de estudos assinados por ex-orientandos veteranos e bastante recentes, como Sheila Moura Hue, clara e produtiva leitora dos paratextos de impressos antigos, aqui honrada com duas resenhas

a dois de seus inúmeros livros que enfocam o século XVI, e Sofia Silva, fina e sábia crítica literária formada por Cleonice Berardinelli, que nos apresenta a releitura feita de Camões por Sophia de Mello Breyner Andresen. Escrevo também um artigo, sobre a presença de Camões na cultura popular brasileira do século XX, cultura de massa, portanto, escrito em primeira mão para a VII Reunião de Camonistas, realizada na Universidade de Coimbra, em 2005, e que me parece ter tudo a ver com a figura maravilhosa aqui homenageada, responsável pela divulgação do Poeta no Brasil, dentro e fora dos meios acadêmicos.

O mesmo poderia ser dito dos ensaios de Maria do Céu Fraga e de Helder Macedo. Fraga, ao refletir sobre os sentidos das viagens camonianas, não só as compara a outras viagens do século XVI, como nos convida a repensar o arsenal conceitual com que é relido um poeta antigo. Naturalmente o pequeno ensaio de Helder Macedo, grande amigo da nossa homenageada, reveste-se de uma enorme importância, na medida em que focaliza o lado menos visível de Luís de Camões, o epistolar, que se desenvolve de modo satírico, a vertente menos estudada de sua obra.

Verificável pela simples leitura dos seus artigos, os portugueses Vanda Anastácio e Hélio Alves representam o que no momento de melhor se escreve e se investiga sobre Camões na universidade portuguesa. Por coincidência, ambos os ensaios elaboram uma desmontagem dos preconceitos propagados pela crítica e historiografia literária a respeito de Camões, muitos dos quais ainda atuantes entre eminentes estudiosos do Poeta, dos dois lados do Atlântico. Vanda Anastácio examina a construção de Camões como poeta nacional e Hélio Alves enfoca todo o período recepcional de Camões que vai da Restauração até a República. A excelente recente edição do Teatro de Camões, feita por Vanda Anastácio, também é aqui resenhada por um jovem camonista do círculo de Cleonice Berardinelli.

Este número ainda publica, por um jogo do acaso, quatro poemas escritos na China, ainda inéditos, de Dora Ribeiro, poeta de agora, cuja poesia, altamente reflexiva e intensa, foi grande parte escrita em Lisboa.

*Marcia Arruda Franco,
Organizadora do Dossiê Camões*